



TRANSTORNO DE PERSONALIDADE BORDERLINE (TPB): COMO FUNCIONA O RELACIONAMENTO DENTRO DA DINÂMICA FAMILIAR?

Autor(res)

Ana Clara De Oliveira Alves
Sthefani Yasmin De Lima Santos
Heron Flores Nogueira
Ana Gabriela Cardoso De Castro Alves
Eliene Amador Teles
Dilma Da Silva Giffoni
Raissa Santos De Moura
Gabriele Moreira Mayhuasca
Sthefany Luiza Silva Ferreira Garcez
Milena Gonçalves Martins

Categoria do Trabalho

Pesquisa

Instituição

FACULDADE ANHANGUERA DE BRASÍLIA

Introdução

O ambiente familiar desempenha papel estrutural para a constituição da personalidade (Khan & Kamal, 2019). O termo personalidade tem sido utilizado como rótulo descritivo do comportamento observável do indivíduo e de sua experiência interior subjetiva relatada (Alencar, 1986). Tal aspecto nos remete ao questionamento de como se dão os relacionamentos familiares em ambientes com integrantes que apresentam o Transtorno de Personalidade Borderline (TPB), partindo do ponto de vista das características e dificuldades no cotidiano. O TPB é caracterizado pela instabilidade emocional e dos vínculos afetivos (APA, 2014), o que revela uma complexa dinâmica do estar com o outro e as constituições primárias desse funcionamento.

Objetivo

Investigar como funciona a dinâmica familiar de famílias que possuem integrantes com Transtorno de Personalidade Borderline.

Material e Métodos

Realizou-se uma revisão narrativa da literatura durante o período de maio de 2023, abrangendo artigos científicos, livros, relatórios e outros materiais nas bases Scielo, Google acadêmico e PubMed. Materiais relevantes foram selecionados para identificar teorias e pesquisas relacionadas ao TPB, bem como sua relação no âmbito familiar. Os materiais selecionados foram lidos na íntegra, categorizados e analisados criticamente.

Resultados e Discussão



A história familiar de pacientes borderline costuma envolver desproteção, falta de apoio familiar, abuso em várias formas e dinâmicas familiares instáveis (Fernandes, 2021). Pais de pessoas borderline muitas vezes são rígidos, controladores e recorrem à violência física e/ou psicológica contra os filhos, demonstrando desapego emocional e/ou físico, problemas com álcool e/ou drogas, e dificuldades na relação com os genitores. Enquanto os adolescentes com esse transtorno mostram problemas com figuras de autoridade, comportamentos explosivos e agressivos, propensão ao abuso de álcool e drogas, e um medo excessivo de abandono (Jordão e Ramires, 2010). A comunicação entre pacientes borderline e suas famílias pode ser delicada, como apontado por Gunderson e Berkowitz (2006), pois a família reforçar possíveis melhorias no quadro do paciente pode ser interpretado como afastamento e punição, o que pode desencadear comportamentos destrutivos, o que sobrecarrega subjetivamente os familiares.

Conclusão

A dinâmica familiar do paciente borderline revela uma complexa teia histórica e presente de conflitos e vulnerabilidades que atingem ambas as partes. Nesse sentido, a necessidade de compreensão, e acolhimento da pessoa limítrofe perpassa, muitas vezes, a indicação de que a família também possa passar por um processo de cuidado. A dimensão da comunicação entre os membros da família é um dos fatores que se destaca como ponto de trabalho e intervenção.

Referências

Alencar, E. M. (1986). Criatividade e ensino. *Psicologia: ciência e profissão*, 6, 13-16.

American Psychiatric Association. (2014). *DSM-5- Manual de diagnóstico e estatística de transtornos mentais*. (5a ed). Artmed

Fernandes, C. D. O. (2021). *Borderline e família: uma revisão integrativa*. Trabalho de Conclusão de Residência. Universidade Federal de Uberlândia.

Gunderson, J.G., & Berkowitz, C. (2006) *GUIA DE FAMÍLIA Programa de Grupo Multifamiliar do Hospital McLean*. Associação para Transtornos de Personalidade da Nova Inglaterra

Jordão, A. B., & Ramires, V. R. R. (2010). Vínculos afetivos de adolescentes borderline e seus pais. *Psicologia: Teoria e pesquisa*, 26, 89-98.

Khan, S.; Kamal, A. (2019). Adaptive family functioning and borderline personality disorder: mediating role of impulsivity. *Journal of the Pakistan Medical Association*, v. 70, n. 1, p. 1-4. DOI:10.5455/JPMA.6250